

1

VISTA PANORÂMICA

UM SILÊNCIO EM BRUTO, COMO SE O TORNO DO MUNDO não tivesse ainda começado a rodar. Manchas estáticas de verde, pomares interrompidos por casas brancas, amarelas, algumas — poucas — com pórticos em ferro lavrado, escadarias flanqueadas por leões ou jarrões de pedra, dois andares e pátios onde ao fim-de-semana estacionarão automóveis urbanos. Nem os cães ladram debaixo da canícula. Os pássaros desistiram de voar. Na aldeia de Arrifes, concelho de Lagar, milenar dote de princesas e rainhas, nada se move. A carrinha do Centro Social já fez o seu turno, pelas nove da manhã, com duas mulheres de bata azul, para ajudar os velhos que vivem sós a levantarem-se, lavarem-se, vestirem-se, dar-lhes o pequeno-almoço e a medicação e deixar-lhes o almoço. Voltará a meio da tarde com o jantar. Há outra carrinha que os leva para o Centro de Dia, onde podem ver televisão, jogar às cartas ou fazer ginástica. A maior parte deles não quer ir. Dizem que a companhia dos outros velhos os cansa.

No parque exterior da turística vila de Lagar, os autocarros continuam a desaguar rios de estrangeiros de chinelos e calções. O calor não os incomoda, sentam-se nas esplanadas a fotografar as muralhas e pedem sangria gelada ou o celebrado licor local, de pêra-rocha, com muitos cubos de gelo. Portugal visto dali é uma paisagem medieval com água potável e confortos modernos, povoada por gente humilde, prestável, dedicada à ciência de ser feliz com pouco. A poucos quilómetros encontrarão praias selvagens e hotéis rodeados de aprazíveis campos de golfe. Preferem o sol às chuvas inclementes que por vezes também assolam o simpático país, definido no início do século xx pelo mais internacional dos seus poetas como o rosto que a Europa mostra ao mar.

Um empregado de café diz a um grupo de turistas que tem sorte, «luck, very luck», porque de um calor destes não há memória. Se bem que ele, excepto por motivos comerciais, até prefira a chuva; o caminho da chuva trouxe-o a Lagar há exactamente doze anos. Caíra uma ponte no norte, lá para Trás-os-Montes, matando cinquenta e nove pessoas que vinham na camioneta da Junta de Freguesia, regressando de um passeio de domingo às amendoeiras em flor. Joaquim morava perto dessa aldeola tornada símbolo de tragédia. Como os corpos afundados não apareciam e não havia muito que fazer por aquelas bandas, as pessoas começaram a organizar piqueniques à beira-rio ao fim-de-semana, para ver se, entre um pastel de bacalhau e um copo de tinto, alcançavam a boa acção de detectar um corpo inchado a boiar, porque não há nada mais triste do que um funeral sem defuntos. Num desses piqueniques conhecera a sua Conceição, que viera com os pais visitar uns parentes

e tentar a glória de pescar um morto, já que o pai era bombeiro e especializado em mergulhos. A expedição não teve sucesso; só vinte e três corpos viriam a ser encontrados, mas Joaquim acabou por vir morar para Lagar, aprendeu a ler com a ajuda de Conceição, entrou para a escola, arranhou trabalho no café, casou e tornou-se um homem feliz, pai de um rapazinho de cinco anos. Pensava muitas vezes que se não fosse aquela catástrofe estaria ainda a tratar das vinhas e a coser sapatos à noite, longe dos territórios férteis do turismo. Tudo tem o seu propósito.

As tragédias individuais não são assinaladas por placas, homenagens, celebrações. Falta-nos o tempo para as acolher e são demasiado próximas da nossa vida. Todos os dias morre gente. Na vila de Lagar a funerária chama-se Zorro, porque é esse o nome de baptismo do seu proprietário, e está escondida no cotovelo de uma das sinuosas ruas que circundam a muralha. Não necessita propriamente de propaganda, os clientes aparecem todos os dias. As grandes multinacionais da morte ainda não aportaram a esta zona rural, porque a clientela não teria dinheiro para pagar as carrinhas de luxo, os bolos sortidos, os livros de condolências encadernados a couro.

Há uma mulher caída, a uns oito quilómetros da pacífica animação de Lagar, num mísero pátio de uma das casas mais pobres da aldeia de Arrifes. Como o calor mantém os habitantes recolhidos, a vizinha não veio varrer o alpendre e não chamou por ela. Uma gatita malhada lambe-lhe o rosto, tentando despertá-la. São duas horas da tarde, e a carrinha do Centro de Dia só regressará pelas seis. O miado da gata tem por única resposta a queda de um limão gigante do limoeiro que fica ao canto do pátio, antes das escadas

que dão para o telheiro do tanque de lavar a roupa. A mulher caiu perto da porta, longe das duas árvores do quintal, sobre a laje ardente, inundada de sol.

© Sibila Publicações

2

A QUEDA DE JACINTA

ELE VIRÁ ANTES QUE O SOL ME MATE. Eu sei que ele virá. Pois se me telefonou falando que viria. Falou: «Minha mãe, essa semana sem falta eu vou visitar a senhora.» A vizinha Rosário achou que eu estava maluca, que tinha inventado o telefonema. Tanto eu brinquei que estava doidona, que agora me tratam como doida, mesmo. Quem me mandou gostar de brincar com todo o mundo? Com esse dia assim azul e quente, é hoje que ele vem.

Toda a vida amei a praia e o sol; de manhã cedinho corria até à Praia do Flamengo para nadar antes de ir para o trabalho. Agora essa luz toda vai acabar comigo. Que vergonha se o meu filho me encontrar caída na laje, o vestido branco de linho que eu mesma bordei feito um trapo velho. É isso que ele vai encontrar, um farrapo de chão em vez de uma mãe, na casa que foi da avó dele e que ele chama de «favelada». A única casa que pude chamar minha, herança de minha mãe, que me renegou duas vezes e depois me chamou para tomar conta dela na velhice. A minha casa de laran-

jeiras, limoeiros, roseiras e pássaros. Onde será que anda a minha gatinha?

Queria enxergá-lo só mais uma vez, o meu filho mais velho, esse que me rejeitou. Faz quinze anos que não tenho essa alegria. Diz que deprimiu, entrou em crise existencial, foi parar ao psiquiatra, andou a tomar remédio para a cabeça, caiu de cama e veio se curar em Portugal, me chamou para cuidar dele lá em Lisboa, na casa do irmão. Fiz muito bacalhau cozido com grão-de-bico, que ele adora desde criança, muita cabidela de galinha, para puxar o sangue, e ele foi melhorando. Sobretudo dei a ele muito amor de mãe, fiz-lhe muito cafuné. Ao fim de três meses estava bom, acabou se empolgando e comprando casa de férias em Sintra, voltou para o Brasil e nunca mais quis saber de mim.

Não, não vou pensar assim. Eu quero a felicidade dos meus filhos. Rafinha tem lá a sua mulher, a sua filha, os seus problemas, as suas mágoas guardadas contra mim. Apanhou muito quando era menino, é verdade. Papai do Céu que me perdoe, eu não sabia como dar educação àquele menino e ainda trabalhar, cuidar da casa, chefiar *atelier* de costura e atender a freguesa ao mesmo tempo. Isso sem a ajuda do pai, que nessa altura trabalhava à noite no jornal e aparecia em casa, quando aparecia. Rafinha estava sempre aprontando. Mandava o irmão pequeno enfiar o garfo na perna da empregada. Aterrorizava os garotos na hora do almoço, botava arroz no copo de suco deles, quando não lhes esvaziava uma garrafa d'água gelada na cabeça. Na rua era o brigão, era mau para os colegas do futebol. Chegava a meter o pé na frente para o amiguinho cair. Na escola, a directora estava sempre me chamando: «Minha senhora, o Rafael está suspenso», e eu sem saber o que fazer ou como explicar. Era um menino

muito difícil, sempre acobertado pelo pai, que achava bonito o filho ser assim — manias de machão. Para ele, homem que é homem não podia levar desaforo para casa. No fundo, aquilo era para chamar minha atenção. Era ciúme. Ciúme dos irmãos mais novos. Rafinha foi muito estragado pelo pai, eu educava de um lado e Ramiro deseducava do outro.

Como eu adorava aquele homem, Nossa Senhora. E tanto que ele andou atrás de mim para me conquistar. Essa foi a época dourada da minha vida: desquitada, independente. Desejada. Um pedaço de mulher, corpo de nadadora bem torneado, com tudo em cima. Bem firme na ideia de nunca mais ser controlada seja por quem fosse: nem por mãe de criação, nem pelo meu pai, nem pelo meu ex-marido, nem por homem nenhum.

Eu tinha talento para a moda, ah, se tinha. Cheguei a ter três costureiras trabalhando em casa, noite e dia, fazendo vestido de gala para as madames, tudo com pedras preciosas bordadas à mão. Fiz seis vestidos para o lendário baile do Theatro Municipal do Rio, no Carnaval de 1954. Vestidos de luxo que nem em Hollywood. Não esqueço o orgulho que senti, no meio da multidão da Cinelândia, vendo desfilar as minhas criações na entrada do Theatro. Nem tinha inveja dos grã-finos que podiam entrar ali; bastava-me com os bailes oficiais dos clubes e sociedades, era sempre a mais bem vestida. De manhã cedinho ia nadar no Flamengo, e esse bonitão de bigode me seguia. Ramiro Lobo. Fiscal da Prefeitura, terno branco, gravata colorida, boa figura, com um sorriso feito de goiabada. Nos conhecemos porque em 1952 eu aluguei um quarto na casa da mãe dele. Estava no meu esplendor, com vinte e muitos anos, fazendo nome e dinheiro como modista, livre do casamento com o Álvaro,

um minhoto bruto, em que me lançara aos dezoito anos só para me libertar da vida de escrava que me impunha a mulher do meu avô.

Tudo parecia novo e cheio de futuro naquele princípio dos anos cinquenta no Rio de Janeiro. Logo, logo arru-me um apartamento no Flamengo, mas ele continuou me perseguindo, me esperando na porta, me acompanhando na praia. Era uma coisa... Chegava a sair cedo da casa da mãe em Copacabana para me ver nadar na Praia do Flamengo. Ah, Ramiro, como é que você pôde me trair tanto? Não, não vou pensar nisso, eu já o perdoei há muito tempo.

Rosário, minha vizinha, minha santa, me acode! Ninguém me ouve, meu Deus. Morro de sede aqui caída em frente da minha própria porta. Como foi acontecer isso? O diabo do meu joelho me traindo. Esse joelho não gosta de mim, quer me punir por todas as coisas feias que eu fiz. Logo eu, que sempre vivi em busca da Beleza. Minhas rosas estão tão bonitas. A laranjeira, carregada. Não posso morrer aqui sobre a pedra do meu quintal. Bichaninha, onde você se meteu? Anda cá ajudar a sua dona, sua safadinha, vai chamar a Rosário. Tenho de me concentrar em Rafael, o meu menino sapeca que vem chegando. Olha ele ali. E vem com minha neta, minha Mariana, tão linda que está, uma moça perfeita. Rafinha, meu filho, perdoa o que tiveres de perdoar a tua mãe. Me tira desse chão tão quente, me dá um pouco de água, Rafael, não me deixe mais aqui sozinha. Eu sei que você vem me salvar, meu filho. Você não telefonaria se não viesse, não é? Sinto o coração e os pulmões e o estômago e a pele mirrando debaixo desse sol cruel, não demore, por favor, meu filho... Estou te vendo, você vem sorrindo para mim com Mariana, mas os seus passos são tão vagaro-

sos. Porque demora tanto, meu Rafael? Ouço carros na estrada, mas ninguém me vê, ninguém me ouve. Nem sequer um passarinho para avisar alguém que venha me salvar. Ai, o perfume das minhas rosas. Tenho que cortar umas rosas para Mariana levar com ela, assim ela vai lembrar da vovó.

* * *

Onde estou? Que quarto é este, cheio de camas e cortinas sem cor? Quem é esse rapagão me abraçando? Quem são estas velhas deitadas em camas, uma de cada lado? Que cheiro horrível a lixívia e álcool. Porque não consigo perguntar? Porque não consigo entender o que me dizem? Porque insistem em vestir-me esta bata horrível? Sou modista, uma mulher sofisticada, não quero andar por aí com um pano atado com tiras. E me mexem, me lavam, me botam cremes, como se eu fosse um bebé.

Eu nunca fui um bebé. Eu fui raptada. A mãe de meu pai morreu no parto, e meu pai determinou que também eu ficasse órfã de mãe, como ele. A minha mãe deixou que meu pai me levasse com ele para o Brasil quando eu sequer tinha completado os três anos de idade. Criei muitos bebés. Me lembro de criar bebés. O primeiro nasceu morto. Meu marido me rejeitou por causa disso, foi a gota d'água que pôs fim ao meu casamento; eu era uma mulher sem préstimo, que aos vinte anos nem era capaz de parir direito. Fiz tanto tratamento, tomei tanto hormônio para engravidar. E agora estou aqui sendo abraçada por desconhecidos. Ramiro. E se você viesse me buscar, Ramiro? Me largaste por uma danada a quem fizeste mais filhos do que a mim e depois ela te largou. É a Lei do Retorno, não falha. Vem-me buscar, Ramiro, leva-me para o Céu. Ou para qualquer lugar onde estejas, seja; no Céu é bem capaz que não te tenham deixado entrar.

Quantos filhos tive? Alguém me diz? Não sei se me lembro. Tenho de me lembrar. Não vou ficar louca, não. Foram partos difíceis, ruins, muita dor. O do Rafael durou horas. A minha filha Rita, essa nasceu a ferros. O Raul, eu juro que foi de dez meses; eu digo e ninguém acredita. O médico um dia decretou: «Vamos ter hoje esta criança?» Teve de ser ele mesmo a sentar em cima da minha barriga para o neném sair, o menino nasceu com a pele já a rebentar. Cada parto mais atroz que o outro. O corpo a rasgar-se, as agulhas a cozerem a carne. Os médicos garantiam que não ia doer nada porque de qualquer modo o buraco ainda estava dorido. O buraco, falavam assim. Achavam que se falassem a palavra técnica as mulheres não iam entender.

Quantas vezes? Tenho sede. Água. Água. Não consigo dizer a palavra, mas parece que elas entenderam, essas mulheres de bata azul. Ah. Me molham a boca. E esse homem de mãos mansas, me afagando com olhos de amor. Será meu filho? Que filho? Havia uma criança que se escondia por trás do sofá quando eu brigava com Ramiro — era um inferno aos fins-de-semana. Uma criança de quatro ou cinco anos: se enrolava como um ouriço e ficava ali a roer as unhas em silêncio até que os gritos terminassem. Como se chamava esse menino?

* * *

As velhas das outras camas gemem. Felizmente não consigo escutá-las, só enxergo os esgares horrendos. Espetam-me o braço para meter um tubo nele. Pelo menos tiraram-me o tubo do nariz, devem ter-se cansado de o repor vezes sem conta para que eu o arrancasse de novo. Eu nunca hei-de ser velha; nem sequer aprendi a ser moça.

O meu pai chamava-me de fraca porque eu vomitava

com os balanços do navio que nos levava para o Brasil. Eu acordava a meio da noite chamando por minha mãe e ele me dizia que eu não tinha mãe, que a minha mãe preferira ficar num país miserável de gente inculta a vir comigo para uma terra rica e feliz. Desembarquei no Rio em 1927; lembro que assim que cheguei levei um susto grande quando vi um homem preto. Depois o meu pai me entregou à mulher do meu amado avô António — que Deus o tenha, morreu a cuspir pedaços do pulmão, nunca me esqueço, coitado, chorei tanto —, uma galega com duas filhas já moças de um primeiro casamento, que não gostava de crianças e desprezava os portugueses acabados de chegar. Para português já lhe bastava o marido, que esse era rico e tinha carro, o que não era para qualquer um. Dizia que o Rio já tinha «carroceiros que baste». Como era mesmo o nome dela? Dona Ánxela. Nunca deixou que eu a tratasse pelo nome, menos ainda por vovó; sempre e só por senhora. Era uma mulher grande, corpulenta, os seios cobriam-na até à cintura. Batia-me por tudo e por nada, com uma régua nos dedos sempre que me enganava nos pontos, mas foi ela quem me ensinou a costurar, bordar, cortar tecidos. O meu avô tinha uma loja de fazendas muito popular, A Imperial, num ponto muito bom, na esquina da Praça Tiradentes com a Avenida Passos. Naquele tempo, a Praça Tiradentes não tinha a má fama que depois veio a ter, era chique, até a cantora Bidu Sayão tinha uma casa lá. A dona Ánxela fazia vestidos para fora. Nós vivíamos num amplo sobrado por cima da loja, tão grande que o meu avô ainda alugava quartos. Eu queria estudar piano, aprender a cantar, mas tive de esperar até ser mulher adulta para fazer isso. Gostava de arte, música, desenho, letras. Sonhava com um mundo de harmonia.

O meu pai era o célebre Artur Sousa, o «Artur Português», como lhe chamavam no meio jornalístico. Era tipógrafo de jornais, chefe de oficina muito amado pelos empregados, mesmo sendo exigente e severo com eles. Aquele era o tempo da impressão a chumbo, e eu ficava fascinada com as caixas das letras, como podiam ser tão diferentes entre si. Cada tipo de letra me parecia uma pessoa com a sua personalidade própria. No Brasil, eu sempre fui a Portuguesa; em Portugal, passei a ser a Brasileira — está lá no caderninho da conta da mercearia do meu primo Zé Paulo, que não me deixa faltar nada porque sabe que eu pago: não está Jacinta Sousa, está escrito «Brasileira». Agora me dou conta de que, ao contrário do que sempre pensei, isso não é ter falta de personalidade, não — é antes ter personalidade a dobrar. Descoberta tardia; tudo meu é tardio. Como se eu tivesse de aprender a perder para poder ganhar alguma coisa. As mulheres de bata azul querem à força meter-me um iogurte amargo na boca. Um iogurte sem uma gracinha, um pedacinho de fruta, nada. Me dêem leite com muito chocolate que eu tomo. Mas isso elas não dão, dizem que dispara a glicose. E eu não consigo pedir. A minha língua transformou-se em pedra, uma pedra pesada e seca.

* * *

Ouço-as, porém não consigo abrir os olhos. Uma voz de mulher explica que a vizinha me encontrou desmaiada e nua no pátio da casa, muito desidratada. Nua? Como, se havia dois dias que eu esperava o meu filho mais velho? Eu botara o vestido branco que fizera para o baptizado do filho da Dália, lembro-me muito bem. Vestido de madrinha. Todo o mundo gostava de me ter como madrinha, diziam que por causa do meu alto astral. Nunca tive nada de

alto, e isso me fazia rir: sempre fui pequena e de pequenos rendimentos. Tinha talento para desenhar vestidos e transformar as mulheres numa espécie de deusas, pelo menos temporariamente. Essa era a minha arte. E não é um talento qualquer, esse; nenhum talento, aliás, é insignificante. Muita gente não tem a sorte ou a bravura de encontrar o seu.

A mulher diz que eu estava sobremedicada, que o médico de família me pusera a tomar muitos remédios que interferiam entre si, e que, com o calor, devo ter deixado de comer e beber e por isso fiquei nesse estado, envenenada de medicamentos. Outra voz de mulher, tremendo, diz que nunca me deixaram os medicamentos em casa e que só me ministravam o estipulado. Outra diz que o princípio activo do ansiolítico acumulou no tecido adiposo. Acho tanta graça a essa linguagem oficiosa: ministrar o estipulado. Diz também que às vezes era difícil convencer-me a comer, e acabavam por me deixar as refeições que eu prometia comer depois, «mas sabe como eles são, enganam muito, e nós temos tantos idosos para visitar». Nos últimos anos perdi o apetite, fazer o quê? A empregada do Centro de Dia defende-se como pode, coitada, não vou censurá-la por isso, se a acusam de ter provocado o meu piripaque é capaz de sofrer um processo disciplinar, o que nos tempos que correm é uma desgraça, o Governo anda mortinho por fazer desaparecer uma boa parte dos funcionários públicos. Conheço-lhe a voz, é boa moça, apesar de me chamar mentirosa. Também é verdade que com o calorão desses dias eu não era capaz de comer aqueles carapaus e aqueles empadões que me traziam. Já nem com o copinho de tinto eu conseguia empurrar a comida goela abaixo.

Não sei se o Dr. Justino abusava nos medicamentos;

se as pessoas têm dores, e já não têm idade para se livrarem das artrites e das artroses, devemos pelo menos aliviá-las, não é verdade? Eu desconfio de médicos que receitam pouco, médico que não passa receita não presta. Cá na aldeia toda a gente pensa como eu. Por isso é que o Dr. Justino é um médico muito respeitado. A primeira mulher, que tem voz de doutora de cidade — dessas que duvidam dos médicos de aldeia — diz que é preciso que o senhor Raul procure na internet unidades de cuidados continuados, porque os hospitais não são depósitos de idosos e é provável que dentro de pouco tempo a mãezinha esteja recuperada, mas não capaz de viver de forma autónoma.

— Aliás, já há muito tempo que a sua mãe não devia viver sozinha. Tem oitenta e nove anos.

O Raul. O meu Raul. Se ao menos eu conseguisse abrir os olhos e encontrar dentro da boca as palavras para dizer a essa doutoreca cheia de opiniões que, se não fosse o Raul, eu já me teria finado há muitos e muitos anos, que é com este filho e só com ele que tenho contado, que há décadas vivo todos os meses da ajuda dele, porque com a pensão de sobrevivência de duzentos e trinta euros mensais eu não pagava as contas todas da casa. A minha boa vizinha Rosário, coitada, ainda se admirava da minha pensão, e até a entendo: ela teve uma doença crónica, aos cinquenta e quatro anos, que a impossibilitou de continuar a trabalhar na fábrica de conservas onde estava desde a juventude, e recebe uma pensão só um pouquinho maior que a minha. Mas tem a sorte de ter o marido, que é bom serralheiro.

Eu tive três filhos, porém só um me ajudou. É arquitecto, chegou a trabalhar numa empresa grande; agora está sozinho e quase sem trabalho e ainda assim põe do que não

tem para me ajudar. Como podia ele viver comigo aqui na aldeia? E como podia levar-me para a cidade onde mora num quarto da casa de um amigo? O que sabem estas doutoras da vida das pessoas?

— Já tentei falar com a assistente social para que me ajudasse, mas diz que não tem tempo — fala o meu filho.

A doutora lhe responde que tem de marcar com antecedência. O Raul se esforça por fazer entender à médica que não pode vir todos os dias de Lisboa, porque precisa de trabalhar e não tem como gastar cento e dez quilómetros de gasóleo.

— Isso são questões que me ultrapassam — fala a doutora.

A enfermeira diz que eu estou agitada. Como não hei-de estar agitada com a indiferença desta gente às dificuldades do meu filho e ao jeito como buscam carregá-lo de culpa?

Culpado, como eu, de ter duas pátrias e não encontrar compatriotas em nenhuma. Culpado de estar pobre, num país de pobres, e com o sotaque errado. «O brasileiro» em Portugal. Uma das empresas de arquitectura em que tentou trabalhar respondeu-lhe que já tinham excesso de brasileiros. Eu sou «a brasileira» boa da aldeia, porque sou demasiado velha para evocar os fantasmas das brasileiras sedutoras, e porque me tornei a confessora dos pecados que as portuguesas não ousam contar umas às outras. Confessora-psicóloga. Além de que gosto de cantar, e toda a gente precisa, nalgum momento, de uma canção. Essa foi sempre a força do Brasil.

* * *

Experimento cantar e as velhas nas camas ao meu lado dizem que tenho boa voz, pedem que cante mais. Gosto

de aplausos, isso sim. Em 1968 fui destaque no desfile da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, porque o pai dos meus filhos pertencia à direcção da escola. Ramiro desfilava na Comissão de Frente, com as outras figuras importantes. Eu estava acostumada a fazer fantasias de Carnaval, adorava aquele trabalho de lantejoulas e muita imaginação. Fiz muitas fantasias para o Clóvis Bornay, o grande vencedor de inúmeros Bailes do Municipal, um homem muito especial que, como eu, venerava a Beleza acima de todas as coisas. Ele mesmo me desafiou a criar uma fantasia para mim, e lá fui eu, de princesa Isabel, acompanhada por um séquito de escravos libertados, toda rebrilhando de plumas e lantejoulas, com uma saia de armação numa seda azul cravejada de brilhantes. E o corpete, majestoso, todo bordado à mão e com um babado de rendas imperiais. A peruca, faustosa, me fazia mais alta. O tema do samba-enredo parecia feito de propósito para mim: «Quatro séculos de modas e costumes.» Ainda me lembro da letra: «A Vila desce colorida/para mostrar o Carnaval/Quatro séculos de modas e costumes/o moderno e o tradicional.» Um samba lindo, do grande Martinho da Vila, que eu tive a alegria de conhecer. Infelizmente desabou um aguaceiro nesse ano; quando acabou o desfile as plumas haviam virado chuveiros. Mas isso não impediu que eu fosse muito aplaudida e aparecesse na *Manchete*, na *Fatos e Fotos*, em tudo o que é revista. Também tive os meus quinze minutos de fama. Ah, apesar de tudo, vivi muita coisa boa. Que saudades eu tenho tido do meu Brasil; não queria morrer sem visitar uma última vez aquela terra onde vivi mais de cinquenta anos.

Uma das velhas morreu ontem. Paz à sua alma, que se esforçava por gemer baixinho — não sei se de dor ou de so-

lidão. Mesmo assim, ninguém conseguia dormir. Apertaram as camas para caber mais uma; as enfermeiras falam que com este calor os velhos caem como tordos. As famílias estão de férias, não querem saber. Hoje a minha amiga Alice, uma mulher muito popular na aldeia de Arrifes, veio me visitar; irrompeu pela camarata num tumulto de vermelho, como que pronta para uma festa. Sabe que eu gosto de roupas vistosas, faz por me agradar. Estava o meu Raul e a vizinha Rosário, e eles não deixam entrar mais do que duas visitas de cada vez, mesmo porque não há espaço entre as camas, mas Alice veio furando, de asas abertas, uma arara piranga batucando seus saltos altos dourados e clamando: «Eu sou o anjo-da-guarda da dona Jacinta, têm de me deixar entrar!» A vizinha Rosário foi logo saindo, que as duas não são farinha do mesmo saco. São mulheres de estilos muito diferentes. Rosário é a amiga discreta e sempre presente. A sua casa fica a cinquenta metros da minha, e está sempre preocupada em saber se eu estou bem. Não tem consciência de que é bonita, com os seus grandes olhos cinzentos, o cabelo que se tornou todo branco e que ela jamais pintou, o corpo elástico de nadadora. Frequenta uma piscina pública aqui em Termas do Rei, e é nesta cidade que escolhe as suas amizades, não por petulância, mas porque se sente mais segura vivendo arredada das tricas da aldeia. Tirando a presença assídua no coro da igreja aos domingos, é pessoa sóbria, muito afastada da vida social de Arrifes. Alice é ativa e aparatosa; chegada de África após a revolução, traz sempre consigo a saudade dos espaços grandes, da espontaneidade das gentes, das possibilidades infinitas, e faz por levar a vida assim em Portugal. É uma mulher cuidada a quem ninguém dá os setenta anos que tem: cabelo vermelho, unha do pé e da mão

sempre feita, em tons garridos, porte elegante, muito bem vestida. Afirmo que o aprumo é uma questão de respeito por nós próprios e pelos outros, que temos de pensar que, em última instância, Deus está nos olhando, e por isso temos de mostrar o melhor que temos, por dentro e por fora. A Igreja ajuda-a muito, e ela ajuda a Igreja, também, que os padres são poucos e não chegam para tudo. Sofreu o seu bocado; chegou a Portugal sem nada — como eu, afinal. Sempre está lembrando a época em que tinha um mainato ao seu serviço. Os impérios custam a perder, nem que sejam do tamanho de uma pessoa. Como os cheiros. Se ao menos eu pudesse cheirar minhas rosas, descascar minhas laranjas, sair deste corredor de morte e desinfecção...

* * *

Rareia o ar dentro da noite. Toco a campainha e ninguém vem. Tenho medo. Certa vez, um homem tentou entrar de noite pela janela do meu quarto que dava para o jardim. Papai do Céu me ajudou. Permaneci calma, indaguei o que buscava um homem jovem numa velha como eu, ele disse que apenas queria um abraço e um beijo, então gritei e o homem fugiu. Meu filho Raul só soube depois, não quis preocupá-lo. Botou o pé na estrada, chegou e contratou um dia do Gilberto Pedreiro a quarenta e cinco euros — uma fortuna — para que tapasse aquela janela. Coincidiu de nessa altura Raul resolver viver comigo durante quase um ano. Muita gente estava fazendo isso, com o agravamento da crise ficou impossível o custo de vida na cidade. As pessoas daqui fizeram como os gregos, deram para voltar ao campo. Longe de Lisboa o meu filho perdeu muito trabalho, o dinheiro sumiu. Agora acham que com a internet se resolve tudo, mas não é a mesma coisa. Tratar com a clientela